

REFLEXÕES SOBRE 
masculinidadeS
E SUAS REPERCUSSÕES NO
CONTEXTO ESCOLAR

PRODUÇÃO DA CAPA E PROJETO GRÁFICO

Pablo Vinicius

DIAGRAMAÇÃO

Pablo Vinicius

ILUSTRAÇÕES E IMAGENS

Adaptado por Pablo Vinicius sobre obras do Freepik e Pinterest.

AUTORES DO CONTEÚDO

Keyla Renata de Souza Silva e Myllena Maria Veiga Rodrigues Tibúrcio.

EDIÇÃO

Pablo Vinicius

REVISÃO

Emília Bezerra de Miranda.

ficha catalográfica

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

S1586r Silva, Keyla Renata de Souza

Reflexões sobre masculinidades e suas repercussões no contexto escolar. / Keyla Renata de Souza Silva, Myllena Maria Veiga Rodrigues Tibúrcio; Orientadora: Emília Bezerra de Miranda. – Recife: Do Autor, 2020.
16 f.

ISBN: 978-65-87018-39-3
Faculdade Pernambucana de Saúde, 2020.

1. Aprendizagem baseada em problemas. 2. Qualidade. 3. Problema. I. Falbo, Ana Rodrigues. Orientadora. II. Padilha, Fabricia Michelline Queiroz de. Co-orientadora. III. Título.

CDU 37.013

SUMÁRIO

- FICHA TÉCNICA
- APRESENTAÇÃO
- GÊNERO
- O QUE É MACHISMO?
- O QUE É MASCULINIDADE?
- QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO PARA O DEBATE SOBRE GÊNERO NAS ESCOLAS?
- O QUE SERIA MASCULINIDADE TÓXICA, ENTÃO?
- E COMO TODAS ESSAS QUESTÕES AFETAM A EDUCAÇÃO NAS CRIANÇAS?
- CONCLUSÃO
- REFERÊNCIAS

FICHA TÉCNICA

Keyla Renata de Souza Silva, estudante de psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 9 8404-8494

Email: contatokeylasouza.s@gmail.com

Myllena Maria Veiga Rodrigues Tibúrcio, estudante de psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 9 9624-4906

Email: myllena.veiga@outlook.com

Orientadora: Emília Bezerra de Miranda

Telefone: (81) 9 9113-1071

Email: emiliamiranda76@hotmail.com



apresentação

Olá,

Esse guia educacional é um produto de Trabalho de Conclusão de Curso referente à graduação em psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS.

Será abordado, a partir de diversos aparatos bibliográficos, como a construção dos diversos tipos de masculinidade, sobretudo a masculinidade tóxica, em espaços como a escola e o âmbito familiar influenciam na construção da identidade do sujeito, gerando assim, comportamentos machistas iniciados ainda na infância.

É válido ressaltar que esses fatores ambientais guardam relação com o crescimento de casos de violência contra a mulher, chegando em alguns casos ao ato de feminicídio na vida adulta. Portanto é de extrema importância criar espaços no meio educacional para discutir tais temas, a fim de desnaturalizar a desigualdade de gênero.

Desse modo o presente produto tem como objetivo facilitar a reflexão de educadores e educadoras sobre os caminhos

percorridos durante a construção dos diversos tipos de masculinidades no contexto de educação formal. Além de facilitar a discussão acerca da importância de se trabalhar as questões de gênero na educação formal, podendo promover a reflexão sobre a masculinidade tóxica e sua interferência no processo de construção da identidade.



^ gênero

- Gênero se refere a uma importante categoria relacional e de descrição das interações sociais, servindo como uma espécie de lente, do que a partir das contribuições históricas entendemos como feminino e masculino, atuando como parte estruturante dessas relações (COUTO; OLIVEIRA, 2007).

Refletir acerca do gênero é desnaturalizar certas diferenças tidas como intrínsecas cuja biologização levaria à sua retificação e à assunção de sua inevitabilidade (ZANELLO; SILVA 2012).

Gênero não pode ser descontextualizado do seu chão patriarcal, tratando-se de uma relação de hierarquia onde o feminino está constantemente subjugado ao masculino (LIMA, 2008)



O que é MACHISMO?

A construção histórica do ser homem permeia os diversos espaços na sociedade, seja na esfera doméstica ou pública, referido por dar origem ao modelo patriarcal, ou seja, aquele ser racional, ativo na manutenção pública, na constituição do espaço cultural e científico, provedor do lar, sexualmente ativo, poderoso (GIFFIN, 2005).

O machismo torna o próprio homem um sujeito incapaz de exercer alguma crítica à sociedade patriarcal (ELUF, 2003)

O machismo define posições na sociedade:

Mulheres: Oprimidas por toda a vida, pois “para manter a ordem natural da sociedade” são diminuídas e classificadas como inferiores.

Sabe-se que a construção do machismo se dá principalmente durante a infância, através dos processos educacionais, sendo família e escola as duas principais instituições pertencentes ao desenvolvimento da construção identitária do menino. Um exemplo disso ocorre em lares onde crianças são expostas a situações de comunicação violenta e não conseguem enxergar outra maneira de ser homem que não seja através da violência.

A instituição escolar pode ser um espaço de desconstrução desses padrões violentos na relação entre meninos e meninas!

Com a propagação do machismo e a vivência dos efeitos do patriarcado rotineiramente, é possível vivenciar comuns casos de feminicídio (no Brasil, no período de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil feminicídios), pela necessidade de afirmação de poder, posse, vingança, entre outros.

Contudo, desde o nascimento, é imposto e naturalizado, a ideia de que existem uma série de ações, comportamentos e papéis em geral que se adequam e determinam o pertencimento de uma pessoa a um gênero e tais papéis determinam o início da correlação de poder interpessoal. (CHAVES; GUERRA; BASTOS, 2019). Tal concepção refere-se ao que é conhecido como machismo estrutural, caracterizado portanto pela violação de direitos femininos, pelo simples fato deste homem nascer dentro de uma concepção histórica onde oferta a permissividade ao mesmo para exercer o poder de posse sobre uma mulher.

O que É MASCULINIDADE?

Os homens são marcados e brutalizados pelo mesmo sistema que os dá seus privilégios e poder.

Ser homem, dentro do padrão patriarcal, é um conceito fragilizado e constituído de uma esfera tensionada, necessitando de inúmeras reafirmações entre ser masculino e ser macho. Com isso, desde pequenos os meninos já carregam a carga do que se espera deles no futuro ouvindo frases como:

“Aja como um homem”

“Parece mulherzinha”

“Filho meu tem que ser pegador”

“Homem não chora”

Tais narrativas geram, em diversos casos, a partir da criação, identidades cristalizadas e “doentias” que podem reproduzir masculinidades tóxicas ao longo da vida.

Quais as contribuições do feminismo para o debate sobre Gênero nas escolas?

Em meados do século passado, as mulheres norte americanas começaram a questionar o seu papel e representatividade na sociedade estadunidense, o ideário feminino se modificou e as mulheres começaram a revolucionar os espaços ocupados. Essa luta pelos direitos das minorias se desdobrava por todo o mundo, possibilitando uma série de mudanças históricas, econômicas e sociais, sendo intitulada como Feminismo.

As mulheres adentraram massivamente no mercado de trabalho, se deslocando da esfera doméstica para assumir diversos cargos na esfera pública, outrora majoritariamente masculino. De acordo com Couto-Oliveira (2007), a entrada no mercado de trabalho além de possibilitar a independência financeira dessas mulheres, proporcionou assim, a liberdade para não estarem em relacionamentos indesejados apenas por razões de subsistência e corroborou para a manutenção da autoestima por meio da realização pessoal alcançada.

Outros fatores como o debate sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, e o direito ao voto proporcionaram o que chamamos de emancipação feminina.

As mudanças provocadas pelo feminismo desestabilizaram o modelo masculino tradicional e impuseram a necessidade de sua revisão. Demonstrando assim, o surgimento de tensões entre os padrões tradicionais da identidade masculina e a possibilidade de se viver novas formas de ser homem e ser mulher na sociedade.



O QUE SERIA MASCULINIDADE TÓXICA, ENTÃO?

A masculinidade tóxica é a propagação e vivência diária de comportamentos machistas estruturados em traços de uma expressão da identidade! Castro (2018) traz que a ideologia patriarcal nos guia por um caminho em que só existem duas categorias de performance de gênero, determinando feminino e masculino (meninas usam rosa e brincam de boneca/ meninos usam azul e brincam de carrinho) e quem não reproduz isso é considerado anormal.

Precisamos urgentemente problematizar os pressupostos que corroboram a tese de que haveria uma expressão de gênero fixa para cada sexo e que essa expressão de gênero reflete uma 'subjetividade', uma identidade, também fixa, ou masculina, ou feminina. Presentes desde cedo na criação e educação de crianças e jovens, esses pressupostos hoje, mais do que nunca, geram mais violência e desordem. Precisamos falar sobre formas de combater modelos de masculinidades tóxicas, pois estas não são só prejudiciais às mulheres, elas prejudicam os próprios homens (CASTRO, 2018).

María López Villodres (2019) aborda a masculinidade tóxica como um modelo de masculinidade hegemônica que tradicionalmente defende valores como a agressividade e a invulnerabilidade, e que se posicionou como detentor do poder e da palavra acima das mulheres.

Exemplos:

Isso é coisa de mulherzinha/menina

Senta que nem mocinha

Homem não chora

Futebol e roupa azul: coisas de meninos



O depoimento de Octavio exemplifica os efeitos dessas reproduções nas vidas de meninos, jovens e homens: “A questão do futebol durante minha infância e adolescência se transformou em um pesadelo”, disse Octavio Salazar. “Muitas vezes participava dos jogos para não me sentir deslocado. Era o que os meninos brincavam no recreio, ao sair da escola, na rua e nos finais de semana com competições. Senti a opressão como dissidente do modelo dominante. Especialmente difícil durante a adolescência, que é um momento em que o sentimento de fraternidade é tão importante e as identidades são forjadas”. [...] Como esses modelos e essas pressões continuam existindo, “mas não com as mesmas características, e sim essa pressão por não destoar do grupo e isso dá margem para que comportamentos machistas continuem sendo reproduzidos”, diz Octavio.

Fonte: Matéria intitulada “Sete exemplos de masculinidade tóxica que você reconhecerá no seu dia a dia” publicada em 2019 na revista EL PAÍS.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/estilo/1548175107_753307.html

E como todas essas questões afetam a educação das crianças?

A escola é um ambiente que, por natureza, tem em sua composição processos de construções, sendo eles de emancipação, crescimento, construção identitária, vida em coletividade etc. Por isso, os profissionais envolvidos nesses processos devem firmar compromisso desde muito cedo para que se rompa a cadeia de transmissão do patriarcado.

A educação tem um papel emancipatório dentro da estruturação e formação de valores da sociedade, atingindo, de fato, capacidades individuais de homens e de mulheres em qualquer idade, sendo colocado em diversas literaturas como uma intervenção suficientemente adequada para trabalhar diferenças de gênero.

Os sistemas educacionais têm cada vez mais assumido papéis centrais, enquanto mecanismos de promoção das igualdades de gênero. Precisamos urgentemente de uma educação emancipatória que liberte desde cedo as crianças da opressão da norma de expressão de gênero e de sexualidade (CASTRO, 2018). Portanto, faz-se necessário que a escola enquanto instituição socializadora, através do seu currículo, materiais pedagógicos e programas disciplinares, promova discussões que correspondam a essas demandas. Sendo indispensável que o conceito de gênero esteja presente em todos os estudos que se referem às relações humanas, pois este atua como parte estruturante dessas relações.



Um dos meios eficientes de abordar tais temas (em uma perspectiva informativa) dentro do processo educacional é correlacionar a arte com educação e promover aos alunos diálogos sobre a importância de entender o lugar que ocupa, identificando seus privilégios. Cabe ao educador encontrar maneiras de abordar o assunto, sabendo identificar a necessidade dos educandos. Um projeto realizado em 2019 pelo artista nordestino e cearense Tião Simpatia propõe levar o tema de violência contra mulher, especificamente a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340) ao conhecimento de alunos matriculados em escolas ao redor do Nordeste, sendo apenas um exemplo de como tratar questões de gênero.

“A lei maria da penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".
A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima amanhã.
Toda mulher tem direito
São danos que interferem
No seu desenvolvimento
Baixando a autoestima
E aumentando o sofrimento....
Dizia o velho ditado
Que "ninguém mete a colher".

A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência
Vamos ao segundo tipo
Que é a psicológica
Esta merece atenção
Mais didática e pedagógica
Com a autoestima baixa
Toda a vida perde a lógica...
Chantagem, humilhação;
Insultos; constrangimento;
Em briga de namorado
Ou de "marido e mulher"
Não metia... agora, mete!
Pois isso agora reflete
No mundo que a gente quer.”

Trechos do Cordel. Fonte: <https://www.lettras.mus.br/tiao-simpatia/a-lei-maria-da-penha-em-cordel/>

CONCLUSÃO

O guia educacional apresenta-se como meio possível de construção do conhecimento tanto para os/as educadores e educadoras, quanto para toda a comunidade acadêmica. Através do seu caráter dinâmico e de fácil compreensão possibilita diversas reflexões e constantes atualizações para tais profissionais, promovendo discussões sobre a importância da utilização de tal ferramenta, sobretudo proporcionando aparato teórico para a produção de atividades viáveis a serem realizadas, cujo objetivo, neste caso, é a conscientização e sensibilização para a existência da masculinidade tóxica nos processos identitários e sua relação com as diversas formas de violência de gênero. Por fim, busca contribuir para a construção de uma sociedade que busque políticas públicas que visem por justiça social e igualdade de gênero.



REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Teresa; VIEIRA, Cristina Coimbra. O papel da educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de gênero: breves reflexões. Exedra, p. 8-17, 2014.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência. Brasília: CFP, 2013.
- Couto-Oliveira, Veruska. 2007. Vida de Mulher: gênero, pobreza, saúde mental e resiliência. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v.13, n.2. Disponível: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2862/1/22007_VeruskaCoutodeOliveira.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020
- DE LIMA SOUZA, Helga Valéria; FERREIRA, Emilio Caetano; DE JESUS GOYA, Dr^a Edna. A cartilha como material didático: conservação do patrimônio artístico cultural.
- DE PAULA, Raí Carlos Marques; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. Revista Mosaico, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.
- DE SEGURANÇA PÚBLICA, Anuário Brasileiro. Violência contra mulher. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 106-113, 2019.
- DOSSIÊ FEMINICÍDIO. Por que as taxas brasileiras são alarmantes? Disponível em: <https://dossies.agenciapatriagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-doproblema-no-brasil/>. Acesso em: 28 abril. 2020.
- DOSSIÊ FEMINICÍDIO. Brasil piora no ranking de feminicídio. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriagalvao.org.br/feminicidio/pesquisa/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacso-opas-omsonu-mulheresspm-2015/>. Acesso em: 28 abril. 2020.
- DOSSIÊ FEMINICÍDIO. O que é feminicídio? Disponível em: <https://dossies.agenciapatriagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-efeminicidio/>. Acesso em: 28 abril. 2020.
- D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas et al. Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero: uma alternativa para a atenção primária em saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 1037-1050, 2009.
- GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-57, Mar. 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 abril. 2020.
- ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa. Saúde mental, gênero e violência estrutural. 2012.

KOHLER, D.; SÁVIO CAMPOS DE AZEVEDO, D. **PRECISAMOS FALAR COM OS HOMENS**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 11, n. 2, 30 mar. 2020.

LIMA, Betina Stefanello. **Violência de Gênero nas Ciências**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, Santa Catarina, UNB, 2008. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/f-g8/sts/ST38/Betina_Stefanello_Lima_38.pdf>. Acesso em: 27 abril. 2020.

LODETTI, Alex Simon et al. **A vida psíquica do homem e a morte de mulheres**. Psicologia & Sociedade, v. 30, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MEDRADO, Benedito et al. **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto PAPAI, 2010.

NETO, Fernando Malato Figueiredo. **Do crime de honra ao feminicídio: Aspectos psicológicos, jurídicos e socioculturais na compreensão da violência contra a mulher**. Psicologia.pt: O portal dos psicólogos, 2018. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1192.pdf>>. Acesso em: 28 abril. 2020.

NIGRO, Isabella Silva; BARACAT, Juliana. **Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal**. Revista Científica Eletrônica de Psicologia: Olhares da psicologia sobre questões da atualidade, Garças, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 4-19, 2018.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social**. Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2001.

NUNES, Elaine C.; ASSUNÇÃO, Paula Letícia B. **FEMINICÍDIO: INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO**. 2019.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Consultado em, v. 16, p. 08-13, 2008.

SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos. **Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 1177-1182, 2009.

SILVA, Fernanda Cesa Ferreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. **A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 28, n. 2, p. 205-218, 2012.

SOARES, Danúbia Zanotelli; CHARLES, Charlot JN; CERQUEIRA, Claudia Cleomar Araujo Ximenes. **Feminicídio no Brasil: Gênero de quem mata e de quem morre**. XIII ENANPEGE: A Geografia Brasileira na Ciência-Mundo: Produção, Circulação e Apropriação do Conhecimento, 2019.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos pagu, n. 33, p. 265-283, 2009.

VIEIRA, Cristina C. **É menino ou menina? Gênero e educação em contexto familiar**. Coimbra: Almedina, 2006.

VILLARDI, Marina Lemos; CYRINO, Eliana Goldfarb; BERBEL, Neusi Aparecida Narvas. **A metodologia da problematização no ensino em saúde: suas etapas e possibilidades**. A problematização em educação em saúde: percepções dos professores tutores e alunos [online]. São Paulo: Editora UNESP, p. 45-52, 2015.

CASTRO, Susana de. **O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas**. Aprender: Cad. de Filosofia e Psic. da Educação, Vitória da Conquista, v. 1, n. 20, p. 75-82, 2018.

ROSOSTOLATO, Breno. **O HOMEM CANSADO**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2018.

GARCIA, Leila Posenato et al. **Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2013.

CHAVES, Aline Valério; GUERRA, Emilly Cardoso; BASTOS, Letícia Beltrão. **OS REFLEXOS DO MACHISMO ESTRUTURAL NA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA**. ANAIS DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA À MULHER-ELMA NOVAES (NUGEN).